



# acervo

roteiros de visita

## apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteado, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições, oferece diversas atividades e serviços como disciplinas optativas, cursos de extensão cultural,

atelês, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada.

A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vítæ, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg  
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível.

Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

**Acervo: Roteiros de Visita** foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, através de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu. Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com

maior autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa práxis educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio  
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

# Leda Catunda

São Paulo, SP, 1961



Leda Catunda forma-se no curso de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em São Paulo, no início da década de 1980, tendo estudado com NELSON LEIRNER, REGINA SILVEIRA e Júlio Plaza, alinhados às vertentes ligadas à manipulação e desconstrução das imagens, dos códigos e do próprio circuito de arte. Ao mesmo tempo, porém, desenvolve o gosto por um retorno aos processos artesanais e pelo apelo sensorial das cores, gestos, pinceladas, que caracterizarão grande parte dos artistas da época.

Inicia sua presença no circuito artístico em exposições coletivas e salões, com destaque para "Pintura como Meio", realizada em 1983 no MAC USP, em São Paulo e, no ano seguinte, na grande mostra "Como vai você, Geração 80?", na Escola do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Se a primeira servira de impulso a novos artistas formados em São Paulo, a segunda consagraria toda uma geração como integrante de um movimento de renovação na arte brasileira, ao mesmo tempo considerada rebelde, incoseqüente, ousada e aliada à explosão do mercado de arte contemporânea no Brasil, sendo a artista uma das mais destacadas e divulgadas do grupo.

Podemos caracterizar a produção inicial da

artista, utilizando as palavras de Aracy Amaral: "[...] a partir dos materiais selecionados - tecidos estampados, toalhas, tecidos de plástico liso ou pregueado, capachos de piaçava ou colchões, rendas, cobertores ou cabeleiras - a artista tem operado, com recortes, costuras e sobreposição de elementos, uma transfiguração de sua fisicalidade, ao pintar sobre esses materiais figuras ou cenas aparentemente bucólicas ou ingênuas."<sup>1</sup>

Produtos industrializados que utilizam estampas e padronagens nos mais variados elementos domésticos, especialmente tecidos, cortinas e tapetes, são retrabalhados pela artista de maneira a imprimi-los um aspecto irônico e metalinguístico. Por meio de vedações de partes das imagens, ou pela sua reprodução pictórica sobre os suportes, a artista cria um repertório imagético próximo do anodotário banalizado do imaginário popular, atribuindo-lhes títulos às vezes objetivos e redundantes (*Aquário, Cachoeira, Gato, Carteira*), alusivos de um ideário romântico (*Paisagem com Lago, Sozinha no Quarto, A Janela*) ou da História da Arte (*Entre o Figurativo e o Abstrato, As Três Graças*).

Com o passar dos anos, entretanto, a figuração presente em seu trabalho vai se tornando cada vez mais escassa, substituída por uma

preocupação crescente com aspectos eminentemente mais formais e abstratos, discutindo problemas pictóricos, mas sem abandonar a pesquisa de materiais inusitados, aglutinados pela costura, e tridimensionalizados pela espessura criada por enchimentos, como se fossem almofadas ou edredons.

Em diálogo e contraposição com uma produção pictórica que defendia uma especificidade do meio e um embate direto com as técnicas e procedimentos tradicionais da arte e de sua história através de um resgate de alguns artistas transformados em mitos, Leda Catunda busca outras soluções para o mesmo problema. "Ao invés de acomodar-se aos achados primeiros de sua carreira, ousou redimensionar o devir de sua obra em direção a um aprofundamento extremamente particular da pintura, enquanto instituição e enquanto modalidade sensível de conhecimento do mundo. Para isso, valeu-se da introdução, nesse campo, de procedimentos tradicionalmente alheios a ele - fato que determinou sua singularidade no âmbito das artes visuais no país."<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Aracy Amaral. In *Perfil de um acervo - MAC USP*, 1988, p. 339.  
<sup>2</sup> CHIARELLI, 1998, p.29.

**Onça Pintada nº1, 1984**  
acrílica sobre cobertor,  
192,5 x 157,5 cm  
Doação Hilda e Pierre Eddé

**Onça Pintada nº1** é do momento de inserção de Leda Catunda no circuito artístico e de sua fase mais conhecida, embora não seja uma das obras mais ousadas do período. O suporte para a atividade pictórica é um cobertor estampado com uma padronagem imitando uma pele de onça, objeto que tipicamente evoca o universo das imagens consideradas *kitsch*, por tratar-se de uma simulação industrial, rudimentar e popular, feita para a produção em massa, de um produto originalmente considerado nobre, uma pele de caça de um animal selvagem. O cobertor serve de estímulo para a intervenção inusitada, bem-humorada e ao mesmo tempo sutilmente crítica da artista. Sobre ele, a artista pinta um fundo imitando vegetação que, vedando parte da estampa original, lhe concede o formato do animal. A cabeça, as unhas e os detalhes tonais complementam a figuração, que é tratada também de modo rudimentar, como uma ilustração ingênua.

O título, **Onça Pintada nº1**, é redundante no sentido de que não revela nada que não seja absolutamente óbvio na imagem, e irônico, pois o termo "pintada" se refere tanto ao nome do animal representado quanto ao processo de fatura da obra.

O humor, a aparente ingenuidade, a empatia popular, o inusitado do material do suporte, a pintura ausente de uma boa fatura, e a crítica sutil ao código artístico são elementos característicos desta artista. Os emblemas de uma baixa cultura, deslocados de seu ambiente habitual e inseridos no sistema da alta cultura, tornam-se parte de um novo gosto, discutido por Susan Sontag e chamado de *camp*.

A contradição de uma obra deste tipo é que aquilo que nela seduz também a banaliza. O que poderia ser visto como um ato de escárnio e afronta ao bom gosto estabelecido pelas belas artes, na forma de uma proposital "má pintura", torna-se um objeto de consumo passível de transitar pelos circuitos elitistas dos colecionadores de arte. Devemos nos perguntar até que ponto o aspecto corrosivo da arte contemporânea perdura à medida que é absorvido pelo sistema artístico.

Leda Catunda transita neste limite perigoso, e foi em nome de uma tomada de posição frente a uma pintura que defende suas especificidades que a artista deslocou sua atividade para um caminho mais sólido, próximo das pesquisas formais e afastado da figuração anedótica que desenvolvia em sua primeira fase. Continua utilizando os recursos e processos inusuais que a caracterizaram, mas sem a ferocidade ambígua que gerou sua entrada no circuito de arte brasileira.

Professor/a, favoreça o diálogo e a oportunidade para os alunos expressarem suas opiniões sobre o trabalho:

- Qual o suporte utilizado?
- Qual a padronagem pré-existente nesse material industrializado?
- Quais as cores predominantes?
- A partir de qual procedimento a artista desenvolve o trabalho?
- Trata-se de uma pintura?
- Quais características associadas a um fazer artesanal e a um fazer industrial encontram-se presentes nessa obra?

Proponha uma reflexão sobre quais seriam os objetos do cotidiano de seus alunos que poderiam ser transformados em trabalhos artísticos. Discuta 'como' esses objetos seriam transformados e, havendo possibilidade, instigue-os a projetar suas idéias e a executá-las.

- Durante esse processo de reflexão, introduza as questões:
  - Quando um objeto do nosso cotidiano se transforma em obra-de-arte?
  - As instituições - museus, galerias, centros culturais - têm um papel nesse processo de transformar objetos do cotidiano em arte. Você consegue identificá-lo? (Aconselhamos uma pesquisa sobre Marcel Duchamp, como fundamentação para essa reflexão).
  - O ato de escolher um objeto comum para transformá-lo em arte é semelhante à ação de Leda Catunda ao selecionar um cobertor?

Comparem a idéia de valor associada à peça artística única - como **Onça Pintada nº 1** - e o valor associado ao produto industrializado e, portanto reproduzível, como o cobertor que Leda Catunda utilizou nessa obra. Discuta a idéia de valor em obra-de-arte.

Partindo das reflexões desenvolvidas, da pesquisa de novos suportes na arte contemporânea e do procedimento de apropriação de materiais industrializados, dando-lhes uma nova identidade, desenvolva uma proposta em ateliê explorando as técnicas de colagem, costura, pintura e *assemblage*.

- Os alunos poderão selecionar do universo de sua própria casa diferentes materiais tais como: peças usadas do próprio vestuário ou colchas de cama, tapetes, toalhas e outros materiais como retalhos de tecidos, papéis, papelão, ferro velho, caixas, pedaços de espuma etc.
  - Quais características a peça escolhida pode ganhar ou perder para tornar-se única e com a "cara" de quem a transformou a partir da colagem, da costura, ou da pintura?

Quais aspectos da sociedade contemporânea podem ser abordados a partir de **Onça Pintada nº 1** ?

- Ao visitarem o MAC USP, crianças desenvolvem relações entre a obra e a necessidade de preservar a natureza. E os seus alunos, quais relações expressam verbalmente?
  - É possível perceber as intenções da artista ao desenvolver esse trabalho?

No decorrer do estudo sobre a artista pesquise o significado de *kitsch* e *camp*.

Professor/a, **Acervo: Roteiros de Visita** disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arte híbrida*. São Paulo: Museu de Arte Moderna; Rio de Janeiro: Funarte, 1989.
- BASBAUM, Ricardo (org.) *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- Bienal Brasil Século XX*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1994.
- CATUNDA, Leda. *Leda Catunda*. São Paulo: Galeria Camargo Vilaça, 1996.
- CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Leda Catunda*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- Coleção MAC Collection*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comunique, 2003.
- Fundação Bienal de São Paulo. *XVIII Bienal Internacional de São Paulo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1985.
- O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1990.
- Perfil de um acervo - MAC USP*. São Paulo: Editora Ex Libris, 1988.
- PONTUAL, Roberto. *Entre Dois Séculos: a arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand*. Rio de Janeiro: JB, 1987.
- Tradição e Ruptura*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1984.
- Tridimensionalidade: arte brasileira do século XX*. 2ª ed. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 1999.
- ZANINI, Walter (org.) *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi  
 Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz  
 Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin  
 Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suelly Vilela  
 Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira  
 Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu  
 Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

## MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg  
 Vice-Diretor • Kabengele Munanga  
 Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo  
 Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa  
 Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)  
 Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa  
 Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortoluci

Acervo • Roteiros de Visita  
 Apoio • Fundação Vitae  
 Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.

Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio  
 Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales

Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).

Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.

Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho  
 Secretária • Glória Araújo Antunes

Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor); Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-monitora); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS); Marcela Vieira (bolsista COSEAS); Renê Miguel da Trindade (bolsista COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz (bolsista COSEAS);

Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.

Projeto Gráfico • Elaine Maziero

Arte Final • Carla C. do Carmo

Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160  
 05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP  
 Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

